

*“Ó figuras de velhinhos
Que andais dormitando ao leu!
Como são belos os linhos
Que vos esperam no Céu!”*

E esta outra, não é também extremamente parecida com as tristes quadras do poeta doente e melancólico?

*“Um anjo cheio de encanto
Vive sempre com quem chora,
Guardando as gótas de pranto
Numa urna côr de aurora...”*

Poeta simples, Antônio Nobre é muito mais difícil de imitar do que Augusto dos Anjos — outro dos poetas psicografados — com suas moneras, protozoários, blastodermas, embriões, placentas, podridões, catalepsias, diatomáceas, criptógamas, cápsulas, ânsias telúricas, frialdades inorgânicas, metempsicoses e macacos catarríneos. E a imitação dessas duas quadras — se é mesmo imitação — é perfeita. Mais perfeita que qualquer dos pastiches de Paul Reboux, no seu livro “A la manière de...”. Quem negar Chico Xavier como médium estará fazendo o seu elogio como pastichador.”

**JOVEM GOIANA CONSOLA SUA MÃE:
“NINGUÉM MORRE!...”^(*)**

Querida Mamãe, Deus nos ampare. Venho pedir à senhora para que me auxilie com a sua calma e com a sua fé em Deus.

Auxilie-me. Abençoe-me. Se deixei meu corpo fora de nossa casa, mamãe, isso não é motivo para que a senhora se aflija tanto. Creia que pressenti o momento da separação, mas não pude evitá-lo. Pudesse e seria remo-vida para junto de seu coração, para junto de papai, do Humberto e do Paulo Humberto e de nossa Maria José, de modo a vê-los tranqüilos. Mas a senhora sabe que nós não conseguimos alterar os Desígnios da Vida Superior. Um passeio, um simples passeio, por vêzes, é o adeus na Terra. Perdoe sua filhinha pela falta involuntária. A senhora sabe que acima de tudo sempre desejei a sua paz e a sua alegria. Suas lágrimas, desde fevereiro do ano passado, caem sobre mim como pingos de fogo. “Por quê? Por quê? minha filha! minha filha!” Cada gôta é uma interrogação que me faz sofrer muito... Ah! Se a senhora compreendesse a angústia dos que são interpelados no túmulo sem a capacidade de responder, com certeza, maezinha, seu coração já estaria asserenado. Não digo isso como quem se queixa. Peço-lhe amparo, entendimento, serenidade, paciência... A senhora sempre foi tão carinhosa e tão boa! Sempre me adivinhava os menores pensamentos! Sinta-me outra vez doente, ao seu lado, rogando-lhe a bênção, e com a sua bêncio, a sua assistência generosa. Faça com que meu coração

(*) Reportagem de Antônio F. de Abreu, publicada em «O Triângulo Espírita», de Uberaba, Ano 2, n.º 13, 8-12-67. Mensagem psicografada na noite de 21-7-67. Espírito comunicante: Heloisa Nelly Ludovico, que desencarnou aos 19 anos de idade, a 6 de fevereiro de 1966. Seus pais: Dr. Humberto Ludovico de Almeida e D. Nelly Alves de Almeida, residentes em Goiânia. Estavam presentes à reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, além da progenitora da comunicante, a sua tia, D. Geralda César Neto.

obtenha o repouso e não queira vir para cá antes do justo momento certo. Não admita que a senhora ou eu conseguíssemos mudar a situação. Voltei na hora justa, quando minhas energias de resistência estavam terminadas e se isso aconteceu junto de nossa querida Aída, é porque assim era necessário. Ore, mamãe. Ajude-me com as suas preces. Procure ver-me em seu pensamento, alegre e sossegada, para que eu me faça tranquila e calma. Prometo-lhe que estaremos mais juntas, logo que a senhora se acalmar. Não perca tempo, forçando situações para encurtar os seus dias na Terra. Alimente-se. Repouse. Viva a existência abençoada que Deus lhe concedeu. Recorde que a senhora tem responsabilidades com o papai e com os meninos. Tio Paulo e o Francisquinho estão aqui comigo e rogam a Jesus abençoar-nos. Tranquilize o seu coração, mais uma vez lhe peço. As suas visões e as minhas — aquelas visões dos cães de caça e agora da casa atormentada que a senhora costuma ver, são quadros de nossa existência passada, referentes ao drama de que nos restou a dívida de saudade e distância que hoje resgatamos. Mãezinha, estude as leis do espírito eterno, estejamos unidas na caridade ao próximo e esperemos. Transforme a sua vida espiritual, abraçando pensamentos novos. Trabalhe pelos outros, mas não pouco. Faça o que puder para ajudar aos outros, não só com as sobras de tempo, dinheiro, vantagens ou recursos. Trabalhe com a sua aflição, com a sua necessidade, com a sua prova, com a sua dor. Aí na Terra costumamos servir tão-somente com o supérfluo de nossos recursos, mas a vida exige mais, se quisermos atingir a felicidade verdadeira, e sorria, mamãe, para as estradas do mundo. A sombra passa. A luz fica. Procuremos a luz, sempre mais luz. Está comigo aqui igualmente, nossa irmã tia Helena César que me solicita dizer à sua irmã tia Geralda do reconhecimento que lhe deve, extensivamente à sua irmã Francisca e promete ajudá-las na condução das crianças que lhes deixou sob os cuidados. Confiemos em Deus. Ninguém morre. E, ao seu lado, mais viva que nunca, roga a Deus por sua saúde e felicidade, a filha saudosa que tudo lhe deve

HELOÍSA

DEPOIMENTO DE ARGEMIRO ACAYABA DE TOLEDO (*)

A DOCE MENSAGEM DE UM MENINO QUE SOUBE MORRER

Um dos benefícios que o Espiritismo vem trazendo à Humanidade é ensiná-la a saber morrer; e saber comportar-se, na Terra, em face da perda de um ente querido. A carta que transcrevemos mostra essas duas situações. O seu subscritor, um dos vitimados no desastre do Rio Turvo, em 24 de agosto último, pela compreensão dos postulados espíritas, soube como proceder no instante em que percebeu o seu naufrágio: ergueu o pensamento a Deus e entregou-se aos seus guias, que o transportaram a um hospital, onde permanece, tal como se estivesse ainda encarnado e se salvasse de um desastre. Aliás, o Espiritismo é a única doutrina que encara o Além dessa maneira, diferentemente de qualquer outra crença reencarnacionista, e, nessa desbravação da vida futura, não trabalha com hipóteses abstratas, sem esteio na realidade, mas formula-as depois de longa observação dos fatos. E é a seqüência e uniformidade das comunicações mediúnicas que têm servido de campo experimental. Por outro lado, a missiva mostra que a desesperação dos familiares, na Terra, em lugar de beneficiar, prejudica o desencarnado, porque fá-lo, numa interpretação psíquica, sentir as agruras que o afigiram no instante mesmo da libertação do veículo físico. É preciso que os pais, se quiserem ajudar ao filho, façam caridade, trabalhem, esforçem-se, dêm de si aos outros; só assim ficam ligados ao ente desencarnado. O suicídio, por exemplo, em vez de unir, separa-os; e suicidar-se não é apenas desligar-se abruptamen-

(*) In Nelson Castro, «Eram 59 — Coletânea de Artigos escritos sobre a tragédia do Rio Turvo», São José do Rio Preto, Irmãos Boso — Editores e Livreiros, Catanduva, São Paulo, 1960, págs. 80-82. ARGEMIRO ACAYABA DE TOLEDO — respeitado jornalista e escritor de São José do Rio Preto, Est. de São Paulo.